

MÚSICA EM SÃO JOÃO DEL-REI – DE 1717 ATÉ 1900

VIEGAS, Aluizio José. Música em São João del-Rei. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. Vol. V. 1987. p.53-65. Revisão textual e correção ortográfica: Rodrigo Pardini Corrêa, 2017.

Das datas mais antigas que se conhecem sobre a música em nossa região, está a de 1717 quando o mestre de música Antônio do Carmo recebe com seu grupo de músicos o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida e Portugal, no alto do Bonfim, então entrada principal da Vila de São João del-Rei e depois na matriz da vila foi cantado um *Te Deum* solene a dois coros de música, comemorando o evento. Neste caso entende-se "dois coros" como sendo um coro cantando o gregoriano e outro coro, o de músicos e cantores, fazendo a parte polifônica, alternadamente, como é comum atos nossos dias.

Recentes pesquisas tendem a recuar esta data para o início do século XVIII, pois a liturgia católica romana vigente nesse período não prescindia da música para suas solenidades e, segundo têm-se lido nos livros manuscritos de nossas associações religiosas e do poder público, já em 1708 constituía-se a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e em 1711, a do Santíssimo Sacramento, portanto, cremos, a música em São João del-Rei nasceu com a instalação da primeira capela e com as celebrações religiosas que se faziam.

Infelizmente, os primeiros livros de nossas irmandades estão desaparecidos ou foram incinerados, e somente a partir de 1730 é que existem documentos concretos. Já os livros da Câmara Municipal estão mais completos, mas suas informações sobre música são muito vagas, mesmo assim sempre se encontra algo interessante. Por exemplo: sabe-se que haviam festas religiosas patrocinadas pela Câmara e que o "Senado" comparecia à matriz da vila em trajes de gala, sendo nestas ocasiões o estandarte da Câmara conduzido solenemente pelo mais velho dos vereadores. Em 1719 realiza-se a festa de São Sebastião pela primeira vez com missa solene celebrada pelo vigário da vila, com as despesas de propinas, cera, música, etc. incluídas em uma só

conta, que o porteiro da Câmara pagou. Não especifica, infelizmente, qual o mestre de música responsável pela música que se fez.

Em 1729 consta o nome de Paulo Rodrigues recebendo seu pagamento pela música da festa de São Sebastião do ano de 1728. Esta é a primeira vez que o nome deste músico é citado na atualidade.

Houveram as seguintes festas patrocinadas pelo Senado da Câmara de São João del-Rei: São Sebastião, São José, da Bula *Corpus Christi*, Nossa Senhora do Pilar, São João Batista e Anjo Custódio do Reino. Nestas festas, os vereadores recebiam propinas e o porteiro da Câmara ficava autorizado a efetuar despesas e, por este motivo, elas ficavam englobadas em uma só conta e raramente consta o nome do músico contratado para a ocasião. Exceção é o acórdão de 1728, quando se resolveu fazer mais solenemente a festa do padroeiro da vila, São João Batista, e foi acordado com o mestre Antônio do Carmo, quarenta oitavas de ouro, "muito boa música a dois coros".

São João del-Rei teve, nessa época intensa atividade musical e que se impunha em toda a região chamada do Rio das Mortes. Nos livros existentes em Tiradentes, da então Vila de São José del-Rei, é comum encontrar-se pagamentos como "ao Mestre de Capella que veio da Villa de São João e seu tiple" ou então "pelo compasso do Mestre de Capella da Villa de São João" como também pagamento a músicos instrumentistas e cantores que foram reforçar a música de Tiradentes.

Para as solenidades dos Passos, que se realizam em nossa região desde os primórdios do século XVIII há um fato curioso: a música que era executada nesta época requeria duas flautas, duas trompas, violoncelo e contrabaixo e dois coros de vozes. Para se fazer boa música havia o "reforço" que se intercambiava entre as Vilas de São João, São José e Prados. Por este motivo, é que o Domingo de Passos em São João del-Rei é no quarto domingo da Quaresma, em Tiradentes no quinto domingo e em Prados durante a Semana Santa. Para São João del-Rei, vinham músicos de São José e Prados para "reforçar" a música; para São José iam os de São João e Prados e finalmente, para Prados os de São João e São José. Atualmente só em Prados ainda se executam os Motetos a Oito Vozes de autoria do capitão Manoel Dias de Oliveira, mas ainda se mantém a tradição de se realizar estas solenidades nas datas acima explicadas, sendo que não existe mais o "reforço", pois as músicas que se executam em São João del-Rei

são a quatro vozes e sopros, autoria de Martiniano Ribeiro Bastos e em Tiradentes os Motetos de autoria de Antônio de Pádua Falcão.

Durante o século XVIII intensa foi a atividade musical em toda Minas Gerais, a ponto de se preocupar o Governador Geral que comunica à Coroa Portuguesa que "há tantos mulatos ociosos nestas Minas que se empregam no ofício de músicos que seu número é maior, talvez, que em todo o Reino".

Em São João del-Rei, os músicos, no caso, mestres de coro que contratavam com as associações religiosas e [com o] Senado da Câmara que também recebiam o pagamento devido, foram: Antônio do Carmo, cuja atividade mais antiga data de 1717, quando recepcionou com seu grupo musical à D. Pedro de Almeida e Portugal, o Conde de Assumar, continua a fazer música sobre o contrato com o Senado da Câmara nas festividades oficiais religiosas da vila como: São Sebastião, São João Batista, Anjo Custódio, Corpus Christi, Nossa Senhora do Pilar, etc. e até 1740 sua atividade é exercida na Vila de São João. Em 1741 seu nome aparece em rol de músicos em Vila Rica, segundo Curt Lange. Outros músicos desta época, citados agora pela primeira vez são Paulo Rodrigues, que em 1728 faz a música da festa de São João como mestre de capela, e José Teodósio, que em 1751 foi o mestre responsável pela música do *Te Deum* comemorativo da aclamação de D. José I. Até 1750 são também evidenciados os nomes de Manuel Custódio de Almeida e Inácio Silva; a partir de então, até 1775 notabilizam-se Leandro da Rocha Vale e Pedro Pereira Lima; seguem-se os nomes de José Joaquim Miranda, Francisco do Amaral Souto, Antônio do Amaral Souto, José Francisco Roma, Francisco Martins da Silva Couto.

Segundo Augusto Viegas, a filha de Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliadora, Maria Efigênia, teve sua educação musical confiada ao músico José Manuel Xavier Vieira, natural da Vila de Caeté.

Um importantíssimo fato para a história de São João del-Rei ocorre em 1776, quando José Joaquim Miranda, liderando um grupo de músicos, cria seu coro de música. Este grupo sempre se renovando, atravessa o tempo e ainda hoje está em plena atividade. É a Orquestra Lira Sanjoanense. É a mais antiga orquestra das Américas com atividades ininterruptas, comprovada com farta documentação, tanto em livro de irmandades como em material musical. Este conjunto, em sua estrutura original, comum

à época, era composto de quarteto vocal (soprano, contralto, tenor e baixo), violinos I e II, viola, violoncelo, contrabaixo, duas flautas, e duas trompas. O regente era o primeiro violino e as vozes femininas, soprano e contralto eram cantadas por meninos e homem em falsete, respectivamente, como se fazia em todo o mundo católico, por não ser permitido à mulher participar dos atos litúrgicos. Esta corporação é parte importante de São João del-Rei, dada sua história rica de detalhes e fatos de suma importância, paralelos à vida política e sociocultural da cidade.

Segundo pesquisas realizadas pelo maestro Pedro de Souza, a cronologia dos diretores regentes da Lira Sanjoanense desde sua fundação, é a seguinte:

1776 a 1802 – José Joaquim Miranda

1802 a 1820 – Joaquim Silva Vasconcelos

1820 a 1827 – José Marcos Castilho

1827 a 1846 – Francisco de Paula Miranda

1846 a 1854 – Francisco Martiniano de Paula Miranda

1854 a 1855 – Marcos dos Passos Pereira

1855 a 1864 – Hermenegildo José de Souza Trindade

1864 a 1867 – Antônio do Carmo Teixeira Pinho

1867 a 1871 – Francisco Camilo Vitor de Assis

1871 a 1875 - Hermenegildo José de Souza Trindade

1875 a 1876 – João Inácio Coelho

1876 a 1882 – Carlos José Alves

1882 a 1907 – Luiz Batista Lopes

1907 a 1924 – João Feliciano de Souza

1924 a 1949 – Fernando de Souza Caldas

1949 – Pedro de Souza

Pelo contrato realizado em 1802 por José Joaquim Miranda e a Irmandade do Senhor Born Jesus dos Passos, sabe-se que a Lira Sanjoanense realizava funções musicais fora da vila e que ficava dispensada de tocar na missa semanal quando isso ocorresse, porém, não poderia faltar a nenhuma das solenidades principais da irmandade, como via sacras, Quarenta Horas (adoração ao Santíssimo Sacramento no período carnavalesco), depósitos, procissões e Setenário das Dores de Nossa Senhora. A vida musical desta irmandade foi deveras importante. Segundo consta no Livro de Inventários, ela encomendou ao “Capitão Manoel Dias de Oliveira” duas obras musicais para uso privativo da irmandade. Diz a anotação: "O aparelho da música para as Vias-Sacras do Senhor dos Passos composto por Manoel Dias a dois coros, com oito solfas das vozes, duas ditas para flautas, uma para as trompas, e duas para os violinos e dita para o rabeção; Hum dito aparelho a dois coros para o Miserere." Dos Motetos, existe cópia feita em 1849 por Paula Miranda e Pe. José Maria Xavier, porém do *Miserere* nada foi encontrado até o presente momento.

Em 1786, José Joaquim Miranda é um dos signatários para a fundação da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, bem como outros músicos. Esta irmandade parece ter sido a que se filiaram todos os músicos de São João del-Rei, desde o início desta e durante todo o século XIX. Em pesquisas nos livros desta irmandade encontrei diversas anotações importantes sobre a vida musical sanjoanense: nomes de músicos, seus familiares, e pagamentos à irmandade por serviços de música. Do Livro de Receitas e Despesa da Irmandade da Boa Morte de 1791 a 1809 extraem, alguns dos nomes já conhecidos da história sanjoanense, os seguintes: Francisco Martins da Silva Couto, Silvério da Costa Brando, João Alves de Castilho Preto, José Jerônimo Miranda, Pe. José Joaquim de Souza Lyra, Francisco Antônio de Araújo Antônio Vieira, Bernardino de Senna, Jacinto José de São Bernardo Roma, Antônio da Trindade Fernandes Braziel, Francisco José Cardoso, Francisco José de Salles, Francisco Lopes, Joaquim Lourenço de Miranda, Manoel dos Passos, José Lourenço Fernandes Braziel, Marcelino José Alves Preto, João Batista Miranda, João Lopes do Nascimento, João Leocádio do Nascimento.

Familiares destes músicos, encontrei os seguintes nomes: Ana Francisca de Castilho; Maria José Benedita Miranda, mãe do Pe. José Maria Xavier e filha de José Joaquim Miranda; Ana Maria Potenciana, mulher do Quartel Me. Joaquim da Silva Vasconcelos; Joana Batista da Silva, mulher de José Joaquim Miranda; Cândida

Senhorinha da Silva Roma, Páscoa Maria Lopes, mãe de Lourenço José Fernandes Braziel; Dionisia Maria de Policena Roma, Francisca Dorotéa da Silveira Roma. Jacinta Maria de Bitencourt, mulher de Silvério da Costa Brandão.

Estes músicos pagavam os seus anuais à irmandade com serviços de música e também os anuais de seus familiares. Muitos destes músicos foram atuantes como mesários. As solenidades da Boa Morte desde a fundação da irmandade se constituíram grandiosas: missas em todas as quartas feiras do ano; novenas, missas cantadas em 14 e 15 de agosto, Matinas da Assunção e procissões. Foi a festa que recebeu maior quantidade de composições musicais. Existe, nos livros da Lira Sanjoanense obras de Manoel Dias de Oliveira, Pe. José Maria Xavier, Marco dos Passos Pereira, José Victor da Aparição, Carlos dos Passos Andrade, Martiniano Ribeiro Bastos, João Batista do Nascimento, Luiz Batista Lopes, Joao Feliciano de Souza, e obras de autores anônimos.

Em 1786, são encenadas óperas a mando do Senado da Câmara, por ordem régia, comemorando as bodas dúplices de Portugal e Espanha. Ficaram encarregados de prepará-las os mestres José Francisco Roma e Francisco Martins da Silva, mestres de coro existentes na vila. O ajuste foi feito por 120 oitavas de ouro. Na relação das músicas existentes no arquivo de Lourenço Fernandes Braziel, constam diversas óperas como: A Ciganinha, Amor *Saloioo*, Amor Artífice (esta última, de Marcos Portugal) e outras obras de caráter profano. No arquivo da Lira Sanjoanense ainda existem partes da ópera Amor Artífice, cópia de José Joaquim de Miranda. Sabe-se que essa ópera foi cantada em português, pois os nomes das árias e personagens são em português e não em italiano, como era comum da época.

Ainda em 1786, nascem dois importantes músicos da história sanjoanense: Francisco de Paula de Miranda, filho de José Joaquim Miranda e Joana Batista da Silva e Joaquim Bonifácio Fernandes Braziel, filho de Lourenço José Fernandes Braziel e Ana Pimenta Severina Chaves. Estes dois músicos serão fator importante para continuidade da música em São João del-Rei. Francisco de Paula Miranda, substituindo José Marcos de Castilho na direção da corporação fundada por seu pai, inicia seu mandato em 1827 e vai até 1846, ano em que faleceu. A Lira Sanjoanense deve a ele e seu primeiro estatuto em cuja página de rosto consta: "Estatutos para pro elles se reger a antiga Companhia de Música desta cidade ora sob a direção de Francisco de Paula de[?] Miranda e seu filho do mesmo nome." Denominou-a "Filarmônica Paulina", nome que

em 1883 foi substituído por Corporação Musical Lyra Sanjoanense, e neste século simplificado para Orquestra Lira Sanjoanense. Ainda sob a direção de Paula Miranda a corporação ajusta com a Ordem do Carmo em 1837 um novo contrato que é muito interessante, pois constam os nomes de todos os músicos que compunham a entidade, bem como seu instrumento ou a definição de sua voz. Neste contrato figura José Maria Xavier como primeiro clarinetista, apesar de existir um recibo datado de 1828, assinado por José Maria Xavier como *tiple* (menino cantor com voz de soprano). De Francisco de Paula Miranda restou apenas uma composição: *Caput tuum ut Carmellus*, coro para a Procissão de Nossa Senhora do Carmo, porém como copista dotou a corporação de vultoso número de cópias de autores mineiros de sua época, e também de obras que recopiou por estarem as partes muito estragadas. Faleceu no coro da igreja do Carmo durante uma função em que a corporação sua participava. Como sinal de gratidão pelos serviços prestados por ele à Ordem do Carmo, ela concede que o corpo do mestre de música seja sepultado em seu cemitério e, em carta, o filho de Paula Miranda, Francisco Martiniano, então com 23 anos de idade, agradece a Ordem o gesto e as homenagens prestadas a seu finado pai e comunica que a corporação est agora sob sua direção e garante a continuidade dos serviços para a Ordem do Carmo, nos mesmos moldes que seu pai vinha fazendo.

Na arte musical, os compositores ainda do século XVIII mantêm o estilo clássico, hoje comumente chamado de barroco mineiro. A influência das obras oriundas da Europa, durante todo o século XVIII faz crer que as obras de Gabrieli, Vivaldi, Galuppi, primeiramente, Haydn, Glück, Mozart, Pleyel, posteriormente, são do conhecimento dos compositores mineiros, através do manuseio são transformadas em estudo e são a verdadeira escola dos mineiros que, assimilando a técnica de composição souberam, contudo, dar-lhes um toque especial, um estilo próprio.

No início do século XIX ainda viviam músicos do século XVIII, como Lourenço Fernandes Braziel, João José das Chagas, José Joaquim Miranda, José Marcos de Castilho, João Alvares de Castilho Preto, que estão ativos durante o primeiro quartel do século.

Em 1814 nasce Francisco José das Chagas, e que a história sanjoanense guardará sua memória com o nome de Mestre Chagas. Erroneamente, atribuíram-lhe ser filho de João José das Chagas, músico ativo em São João del-Rei, no final do século XVIII e

princípios do século XIX. Em seu testamento firmado em 1824 João José das Chagas, afirma ter vivido sempre em estado de solteiro, e que neste estado tivera uma filha de nome Cândida Jesuína, falecida criança, não tendo outros herdeiros a não ser duas irmãs e uma cunhada, sendo esta moradora de Ouro Preto.

Em 1827, Francisco José das Chagas aparece na relação de músicos como trompista, no ajuste da Ordem Terceira de São Francisco com José Marcos de Castilho, então diretor da corporação (atual Lira Sanjoanense). A partir de 1840, cria seu próprio coro e assina ajustes e contratos com diversas irmandades e com a Ordem Terceira de São Francisco, a partir de 1846. Ótimo copista, sendo notável sua grafia musical, tendo belíssima sua caligrafia, que é clara e legível, copia enorme quantidade de música para atender as exigências de seu coro. Por isto, o enorme acervo por ele deixado é verdadeiramente importante. Foi muito ativa sua vida musical, inclusive na música profana, mas até o presente, não se encontrou nenhuma composição de sua autoria. Faleceu em 16 de novembro de 1859, aos quarenta e cinco anos de idade, como consta do registro de óbito feito pelo então vigário cônego Francisco Amâncio de Assis, atestando como causa mortis, congestão. Sendo pardo, filiou-se na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em cujo cemitério foi sepultado. Sua memória foi celebrada todos os anos, 16 de novembro por seu discípulo e sucessor Martiniano Ribeiro Bastos, que convidava através dos jornais sanjoanenses, seus conterrâneos para a missa em sufrágio da alma de Mestre Chagas. Em 1889, comemorando o 30º aniversário de passamento o convite é mais amplamente divulgado e Ribeiro Bastos nele afirma que a missa seria celebrada por alma do fundador que estava sendo dirigida por ele.

De Joaquim Bonifácio Braziel, sabe-se que teve o posto de sargento-mor e que foi excelente músico e mesmo ainda em vida, Lourenço Braziel já o destacava para a direção do coro. Em pesquisa sobre o órgão da igreja do Carmo, consegui dados que o apontam como substituto do organista Zeferino José Lima sem especificar a data exata. Sabe-se, contudo, que foi organista em 1838. Compositor, ainda existem obras suas como *Aleluia* e *Laudate* para Sábado Santo, *Christum Dei* para Matinas de Santo Antônio (*Invitatório*). A maioria de suas obras relacionadas ao inventário de seu pai, porém, acham-se perdidas, umas por não constar nome de autor nas partes e a maioria incineradas por um descendente dos Brasiéis, por volta de 1948.

Com o falecimento de Joaquim Bonifácio Braziel, o coro extinguiu-se. Seu cunhado João Leocádio do Nascimento mudou-se de São João del-Rei para o Turvo, [atual município de Andrelândia,] onde lecionava música e regia o coro. Outros membros da família mudaram-se para Vassouras e Valença, no estado do Rio de Janeiro. Dos descendentes dos Brasiéis que permaneceram em São João del-Rei e aqui aprenderam música, destacam-se no final do século XIX Presciliano José da Silva e Firmino Silva, irmãos, filhos de Cândido José da Silva, mestre pedreiro responsável por inúmeras obras importantes de São João del-Rei; eram netos, pelo lado materno de Lourenço José Fernandes Braziel.

Com o alvorecer do século XIX, há modificações radicais no modo de viver e pensar do mineiro, mormente do sanjoanense, que viu ruir o ideal da inconfidência mineira, que augurava planos para São João del-Rei como capital da futura república. Porém o ideal de Tiradentes não morreu com ele e a semente passou a germinar lentamente, e outros sanjoanenses passaram a lutar pela Pátria. A família real portuguesa e grande parte de sua corte transfere-se para o Brasil e com ela vem a cultura portuguesa e europeia em geral, até então negada aos brasileiros, especialmente aos mineiros, pois Minas era o estado mais vigiado e policiado, por suas riquezas auríferas.

Com as novas leis promulgadas pelo Príncipe Regente D. João, futuro D. João VI, surgem as primeiras facilidades para os brasileiros. Em Minas é notória a transformação. Surgem 9 os primeiros jornais, sendo que em 20 de novembro de 1827 "o patriótico descortínio" de Batista Caetano de Almeida editou em São João del-Rei – O Astro de Minas – que ele fundou e manteve durante quase 12 anos, sendo a segunda cidade mineira a possuir imprensa periódica.

Em 1819, aos 23 de agosto, nasce em São João del-Rei José Maria Xavier. Este notável personagem irá viver intensamente pela sua cidade. Filho do Alferes João Xavier da Silva Ferrão e de Maria José Benedita Miranda, era neto, pelo lado materno, de José Joaquim Miranda. Ainda menino inicia o aprendizado de música com seu tio, Francisco de Paula Miranda, participando das atividades da corporação então por ele dirigida, como menino cantor no registro de *tiple* ou soprano. Posteriormente passa a ser o primeiro clarinetista e também ótimo violinista e violista. Desde jovem trabalha com seu cunhado, o advogado José Maria da Câmara, para prover o sustento de sua mãe, então viúva e de suas irmãs. Lecionava música em casas particulares. Estudou primeiras

letras com o professor Guilherme José da Costa e iniciou-se no estudo do latim com o padre mestre José Joaquim de Santana, também músico, frequentando depois, aulas práticas de latim, francês, história, geografia e filosofia, tendo como professores Reginaldo Pereira de Barros, D. Domingos José da Cunha, e cônego Antônio Marinho. Em 15 de janeiro de 1840, recebe medalha de prata como um dos melhores alunos dos colégios secundários sanjoanenses. Aos 23 anos de idade, resolve tomar o estado eclesiástico e das mãos do venerado Bispo de Mariana, D. Antônio Ferreira Viçoso, recebe o presbiterado em 19 de abril de 1846, e aos 23 de maio do mesmo ano canta sua primeira missa solene na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, de sua terra natal. Nomeado vigário de Rio Preto, lá permanece pouco mais de um ano, retornando a São João del-Rei, por motivos de saúde, de onde não mais sairá. Assume então a Vigararia da Vara e leciona no Colégio Duval. Nomeado capelão de diversas irmandades, a todas elas presta os seus serviços inestimáveis, como sacerdote, músico e cidadão. – Como sacerdote, oficiando as cerimônias litúrgicas; como músico, escrevendo composições musicais para abrilhantar estas mesmas cerimônias e como cidadão, lutando pelos direitos destas corporações religiosas, inscrevendo-se como irmão em todas elas e participando ativamente, pois todas elas serviu cargos administrativos. Na Ordem Terceira do Carmo prestou tantos serviços como padre comissário, que ao término de seu comissariado, oficia ao padre José Maria comunicando-lhe ter inserido em ata um agradecimento pelos relevantes serviços prestados. Como compositor, escreveu obras para todas as solenidades religiosas até hoje celebradas em São João del-Rei. Segundo um cronista da época, o Pe. José Maria Xavier era seguidor dos estilos de Antônio dos Santos Cunha e Manoel Dias de Oliveira. É contestável esta afirmação. O padre José Maria Xavier é dono de um estilo próprio, facilmente reconhecível. O ter empregado melodias parecidas às de Antônio dos Santos Cunha e Manoel Dias de Oliveira, não indica nem define ter seguido um estilo e os estilos de Santos Cunha e Manoel Dias são inteiramente opostos um do outro. Santos Cunha totalmente operístico, empregando o recitativo e o bel canto virtuosístico em suas obras, com melodias de estilo italiano. Note-se que no *Cum Sancto Spiritu* da Missa a 5 vozes, ele antecipa o estilo de Paganini na maneira de empregar a melodia nos violinos. Manoel Dias justamente o oposto de Santos Cunha, emprega a polifonia coral, sendo grande parte de sua obra composta para dois coros, num estilo próprio, severo, de grande conhecedor dos corais renascentistas utilizando um contraponto constante até nas menores obras; e não é nenhum destes o estilo do Padre José Maria Xavier. Pode ter empregado melodia idêntica à de Santos

Cunha, que cito como exemplo: *Kyrie*, da Missa Grande, de Santos Cunha, e Primeiro Responsório das Matinas da Conceição de Nossa Senhora, de Padre José Maria Xavier. Admirador incontestável dos compositores mineiros do século XVIII, legou à posteridade cópias de obras do Pe. João de Deus Castro Lobo, Jerônimo de Souza Lobo, Manoel Dias de Oliveira, e outros, sendo algumas destas cópias feitas em Mariana, quando se preparava para o Sacerdócio, conseguidas do rico acervo daquela cidade. Sua primeira obra: *Qui sedes* e *Quoniam* a solo de baixo foi feita em 1839, baseada em um terceto de Rossini, como especifica no manuscrito. Dedicou esta obra à seu amigo e contemporâneo absoluto, Hermenegildo José de Souza Trindade, a quem dedicará a maioria de suas obras. O ter utilizado melodia de Rossini, adaptando-a para um texto religioso, porém empregando harmonização e instrumentação próprias, era fato comum na Corte do Rio de Janeiro, onde os compositores como Pedro Teixeira de Seixas, Fortunato Mazzioti, e outros, sofreram a influência da música operística em voga, principalmente de Rossini, a ponto de enxertar em suas obras para igreja reminiscências de óperas em voga. Atesta Manoel de Araújo Porto Alegre quando escreve: “Tínhamos, nas grandes festas, Missa do Barbeiro de Sevilha, da Pega, de Aureliano, da Cenerentola e da Italiana em Argel”... Empregando o mesmo artifício, o Pe. José Maria Xavier escreve algumas obras das quais cito: Missa do Cerco de Corinto, solos ao pregador, e hinos para as novenas, usando melodias das óperas Moisés e Semiramide, todas de Rossini.

Do gênero profano, o Padre José Maria Xavier compôs valsas, minuetos, aberturas, e fez arranjos orquestrais de diversas aberturas de óperas como: *Recreio dos Clérigos*, de Herold, *Les Bachantens*, de Generalli; árias, duetos e coros de óperas, e escreve fantasias para o instrumento muito em voga na época, o oficleide. Para banda de música, escreveu algumas marchas processionais, destacando-se a que compôs para a procissão de Nossa Senhora da Boa Morte, que se realiza em 14 de agosto. A partir de 1851, aumenta consideravelmente a sua produção musical, escrevendo nesse ano a Missa (*Kyrie* e *Gloria*) para o dia 15 de agosto de 1851, comumente chamada de Missa da Assunção de Nossa Senhora. A seguir compõe as Matinas da Assunção e em 1855 as Novenas de Nossa Senhora da Boa Morte, utilizando nesta obra maior orquestração, em que, além das cordas usuais, são necessárias 2 flautas, 2 clarinetas, 2 trompetes, 2 trompas e 1 oficleide.

Parece ter sido pensamento de o Padre José Maria imprimir todas as suas obras, porém só duas chegaram a ser impressas, a Missa nº 5 e as Matinas do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, respectivamente em 1884 e 1885, em Munique, em ótimo trabalho gráfico. Vultosa sua obra ultrapassando a mais de cem produções, não estando ainda, totalmente catalogada. Merece um trabalho analítico profundo, paralelo ao levantamento histórico de sua vida que é intensa, pois o padre [e] mestre militou em todos os ambientes de sua época: religioso, artístico, político e social. Faleceu em 22 de janeiro de 1887, cercado da veneração de seus conterrâneos.

Um compositor considerado ainda um enigma quanto às suas origens é Antônio dos Santos Cunha. Notícias concretas são fornecidas pelos livros de registro das irmandades do Senhor Bom Jesus dos Passos, São Miguel e Almas e da Ordem Terceira do Carmo, todas de São João del-Rei, nenhuma porém esclarecendo suas atividades musicais. Na dos Imandade dos Passos é seu registro de entrada de irmão em 17 de fevereiro de 1801, na de São Miguel e Almas, em livro de Receita e Despesas, pagando a despesa do importe de um livro, também em 1801; Na Orem Terceira do Carmo, há o seu registro de entrada de irmão em 1800 e por volta de 1815 existe a anotação de falta de pagamento das anuidades por estar “ausente para Lisboa”, faltando ainda pesquisar outros livros, existindo até o momento somente estas informações.

Por pertencer à Ordem Terceira do Carmo e à Irmandade dos Passos, evidencia-se ser branco, pois ambas não permitiam a entrada de pardos ou mulatos como irmãos. Tudo faz crer que Antônio dos Santos Cunha seja português. Sua obra mostra um músico acostumado ao teatro de óperas onde predomina o *bel canto* italiano, com virtuosismo vocal, efeitos orquestrais demonstrando grande domínio na orquestração, já empregando o clarinete como instrumento solista, cromatismo nos solos de trompa, aliás, com bastante dificuldade técnica ainda hoje, quando os instrumentos possuem maiores recursos, e nos violinos emprega a região aguda do instrumento, fatos estes não comuns na música mineira da época.

Existem nos arquivos sanjoanenses as seguintes obras de Santos Cunha: Missa e *Credo* a 5 vozes; Missa Grande a 4 vozes; Novenas de Nossa Senhora da Boa Morte, *Pange Lingua* a solo de baixo e os *Ofícios de Endoenças* para 4^a, 5^a e 6^a feiras da Semana Santa.

Em 12 de novembro de 1834 nasce Martiniano Ribeiro Bastos, o notável mestre que, substituindo em 1859 o Mestre Chagas na direção da orquestra por ele fundada em 1840, fica à sua frente o longo espaço de 53 anos, período em que a corporação se firma por ter na sua direção um notável pedagogo, um músico de singular talento. Professor particular de música, para prover sua corporação de músicos instrumentistas e cantores, acaba por transformar sua casa em verdadeiro asilo de meninos pobres, nos quais via futuros músicos bons, dando-lhes casa, alimento e educação; e nunca se enganou dos que escolheu. De seus discípulos, muitos se tornaram compositores; destacam-se entre outros: Presciliano [José da] Silva (que chegou a se diplomar na Real Escola de Música de Milão); Firmino José da Silva, Jacinto Augusto de Almeida, José Raimundo de Assis, Carlos dos Passos Andrade. Ribeiro Bastos como compositor, deixou-nos as seguintes obras: Novenas de São Francisco de Assis, composta de vários *Veni, Domine*, hinos, jaculatórias e antífonas; Novenas de Nossa Senhora da Boa Morte; Quinquenas das Chagas de São Francisco; Mementos Fúnebres, *Veni* e *Domine* e Antífona para o Setenário de Nossa Senhora das Dores; Motetos dos Passos; Moteto das Dores; Marchas Fúnebres para banda de música, e muitas obras como valsas, minuetos e mesmo música para teatro (música incidental para a peça A Virgem Mártir de Santarém).

Numa crônica da época, Sebastião Sette, na Pátria Mineira, descreveu a atuação do maestro Ribeiro Bastos à frente de sua orquestra e coro na execução da Missa Fúnebre de Paccini. Ficou deveras impressionado o cronista, que, acostumado a assistir concertos na Corte, e mesmo na Europa, sentia-se emocionado com os efeitos sonoros que o nosso maestro conseguia e também com a justeza e precisão dos ataques orquestrais, ainda mais que o maestro regia e tocava violino.

Ribeiro Bastos foi um grande sanjoanense. Presidente da Câmara Municipal, vereador, juiz de paz, professor na Escola Normal, serviu ainda em cargos administrativos em todos os sodalícios religiosos de nossa cidade. Organizou o precioso arquivo de sua corporação, num trabalho primoroso pelo capricho e mesmo único em sua época, pelo sistema de conservar o material musical. Ampliou consideravelmente esse repertório com obras de autores nacionais e estrangeiros, chegando a possuir uma das mais completas coleções particulares de obras do Padre José Maurício Nunes García. Faleceu em 8 de dezembro de 1912 e foi sepultado no Cemitério da Ordem de São Francisco de Assis, à qual ele serviu durante 53 anos em que esteve à frente de sua orquestra.

A vida musical de São João del-Rei intensifica-se na segunda metade do século XIX. O calendário musical religioso amplia-se. Há um dito sanjoanense que diz: “Festa sem padre, música e foguete não é festa”. E realmente, para todas as festas em que São João del-Rei se realizam há assistência de música. As duas corporações musicais, compostas de coro e orquestra, sentem a necessidade de ampliar seus repertórios, num sentido competitivo de fornecer a melhor música a quem as contratasse. Viajantes estrangeiros foram unânimes em afirmar a boa qualidade da música aqui executada, e o que externam é sempre elogioso. Os repertórios são ampliados e variados, através de composição de autores locais, nacionais e estrangeiros, predominando, neste caso, os italianos. Há o apoio da imprensa em divulgar fatos acontecidos ou eventos por acontecer no meio musical, tanto religioso quanto profano. Através dessas notícias é que se sabe da intensa vida musical de São João del-Rei, inclusive da programação executada.

Um exemplo: “Exéquias no Carmo”. “No dia 17 de novembro de 1888, quando a Ordem do Carmo comemora os seus mortos, foi celebrada solene missa de *Requiem* e a orquestra Lira Sanjoanense, sob a direção do Maestro Batista Lopes, executou a Missa de *Requiem*, de Joseph Rheiberger e o *Libera Me*, do sanjoanense Presciliano Silva”.

Outro exemplo: “Discurso”. “O Professor Antônio Rodrigues de Melo, como bom rapadura, fez o discurso de saudação, por ocasião da posse de Luiz Batista Lopes na direção da Lira Sanjoanense, no dia 26 de setembro do corrente [1883]”. Ambas as notícias foram veiculadas pelo Arauto de Minas, jornal local, editado por Severiano de Resende. Sente-se através destas notícias o apoio musical da cidade.

Intensa, também, é a vida do Teatro de São João del-Rei. Companhias de teatro e companhias líricas tornam-se comuns em São João del-Rei. Em 1855, segundo Augusto Viegas, Augusta Candiani, a célebre soprano lírico, que revolucionou a Corte do Rio de Janeiro, integrando uma companhia lírica, esta em São João del-Rei. Em 1856, ainda em nossa cidade, Candiani, em carta, oferece-se à Ordem do Carmo para, na Procissão de Sexta Feira Santa, cantar o solo da verônica, o que se concretizou. Aliada ao teatro, a música se faz presente e há enorme facilidade de companhias líricas da Corte virem a São João del-Rei, por aqui se encontram excelentes instrumentistas para acompanhá-los. E há, também, grupos de sanjoanenses que encenam óperas e operetas, sendo em 1880 encenado o drama sacro-mágico *A Virgem Mártir de Santarém*. Alcançou tanto sucesso

que foi reprisada diversas vezes, nesta cidade, e em Ouro Preto, então capital da província. Esta peça é de autoria de Severiano de Resende, com música de Martiniano Ribeiro Bastos.

Em 1878, é inaugurado o novo prédio da Sociedade Filarmônica Sanjoanense, mandado construir pela diretoria na qual figuravam o Barão de São João del-Rei, Caetano da Silva Mourão, Fernando Evaristo Machado Magalhães, José Martins de Carvalho Mourão e Antônio Homem de Almeida. Esta sociedade já existia há muitos anos em São João del-Rei e foi dissolvida em 1901.

A fama de São João del-Rei como cidade culta, em que as artes encontraram todos os meios de expressão, é difundida em todo o Estado e músicos e artistas sanjoanenses são solicitados para, em outras cidades, criar e dirigir corporações musicais e ministrar o ensino de música. Para exemplificar, ditos músicos que tiveram largo campo de ação em outras cidades: Marcos dos Passos Pereira trabalhou em Oliveira; Firmino José da Silva em Valença [Rio de Janeiro], Porto Novo e outras cidades da Zona da Mata; Presciliano Silva em Campinas, lecionando na Escola Normal; Antônio Gonçalves de Lima em Cachoeiro do Carmo; Carlos José Alves em Juiz de Fora; José Raimundo de Assis em Mar de Espanha; João Feliciano de Souza em Turvo (atual Andrelândia); João Noberto Braziel e João Inácio Coelho em Valença.

Um outro compositor sanjoanense, que tem sido relegado a um segundo plano, porém é digno de estudos e revitalização de sua obra é Francisco Martiniano de Paula Miranda. Nascido em 21 de agosto de 1823, faleceu em 3 de janeiro de 1903. Sucedeu a seu pai na direção da Lira Sanjoanense, dirigindo-a de 1846 a 1954. Compôs obras que passaram a figurar no repertório da corporação sendo seu estilo idêntico ao de seu primo, o Padre José Maria Xavier, revelando ser um músico de sólida formação musical. Destacam-se as seguintes obras: Missa a 4 vozes, Antífona de Nossa Senhora da Boa Morte, *Stabat Mater*, Hino ao Divino Espírito Santo, com texto em português e *Laudate Dominum* a 5 vozes. Violoncelista, juntamente com o Padre José Maria Xavier, Daniel de Paiva e João Inácio Coelho, formaram um quarteto de cordas, cujo repertório ainda existe, nos arquivos da Lira Sanjoanense.

Marcos dos Passos Pereira, também sanjoanense, foi diretor da Lira Sanjoanense em 1854 e trabalhou em outras cidades mineiras, principalmente em Oliveira,

lecionando música. Deixou enorme bagagem musical, apesar de ter morrido ainda jovem, que atestam o ótimo 15 profissional de música que era. Descendia, pelo lado materno, da família Braziel. Quando da viagem ao Rio de Janeiro, acompanhado de seu primo Presciliano José da Silva, que embarcava para Itália, a fim de aperfeiçoar-se na Real Escola de Música de Milão, Marcos dos Passos contrai febre amarela e vem a falecer prematuramente na cidade fluminense de Cantagalo, em 3 de maio de 1879. Exímio violinista, ficou na tradição oral de São João del-Rei, que diversas vezes viajava para a Corte do Rio de Janeiro a fim de apresentar-se em recitais e integrar orquestras. Algumas de suas obras: Novenas de Nossa Senhora da Boa Morte, Missa em Mi Bemol, Antífona de São José, Memento em Sol Menor, *Stabat Mater*, Hino à Nossa Senhora do Rosário, *Elegia*, e diversas marchas processionais para banda de música.

Presciliano José da Silva e Firmino José da Silva, irmãos, descendentes dos Brasiéis, eram filhos de Cândido José da Silva, que foi o construtor do novo frontispício da igreja matriz do Pilar de São João del-Rei, atual Catedral Basílica. Ambos músicos, teve Presciliano melhor educação musical, como já foi dito, porém sua atividade musical foi toda exercida em outras cidades, especialmente Campinas, onde lecionou na Escola Normal. Em Milão, compôs, a pedido de Daniel de Paiva uma solene Encomendação Fúnebre, dedicada à memória de seu primo Marcos dos Passos Pereira. Chegou a lecionar para a filha de Campos Sales, a quem dedica uma *Mazurca* para piano. Chegou a imprimir várias obras para piano e sua Missa *opus* 17, a 4 vozes e pequena orquestra, dedicada a seu primeiro mestre de música Martiniano Ribeiro Bastos. Nasceu em 1854 e faleceu em 1910. Firmino aprendeu com seu irmão novas técnicas de composição e orquestração, sendo sua harmonia mais elaborada que a de outros compositores sanjoanenses contemporâneos; é o que se depreende do estudo de suas obras.

Muitos outros músicos, instrumentistas, cantores e compositores militam em São João del-Rei, no final do século XIX e princípio do XX. Cito: José Raimundo de Assis, Carlos dos Passos Andrade, José Victor da Aparição, João Francisco da Matta, João Batista do Nascimento, Emídio Apolinário Machado, João dos Passos, Jacinto Augusto de Almeida, Jafé Maria da Conceição, João Inácio Coelho, João Evangelista Pequeno e muitos outros que tornariam esta listagem extensa por demais. Merecem ainda especial relevo: Luiz Batista Lopes, nascido em agosto de 1854 e falecido em 1907, foi discípulo de Francisco Camilo Victor de Assis e foi diretor da Lira Sanjoanense a partir de 1882.

Compositor fertilíssimo, deixou enorme obra musical ainda não catalogada, tanto para orquestra como para coro e orquestra e banda de música. Reformulou, paralelo à orquestra, Banda de Música da Lira 16 Sanjoanense, que já existia, e para a bênção dos novos instrumentos e uniformes, pintou o estandarte da corporação. Era também escultor e pintor e teve como mestre nestas artes Joaquim Francisco de Assis pereira e Venâncio José do Espírito Santo, respectivamente.

João Feliciano de Souza, nascido em 1861, foi substituto de Batista Lopes na direção da Lira Sanjoanense, notável instrumentista, dominava perfeitamente a técnica de muitos deles, especialmente violino e piano, e também foi fértil compositor. Ainda jovem, já lecionava primeiras letras no Colégio de propriedade do Coronel Antônio Machado. Possuidor de sólida cultura humanística, posteriormente passa a lecionar línguas no Colégio do Sagrado Coração de Jesus, de sua propriedade, em São João del-Rei. Participou ativamente da criação do Albergue de Santo Antônio, ao lado de frei Cândido; foi ainda tesoureiro da Câmara Municipal e participou de importantes promoções sociais da época. Na música, foi ensaiador da Banda de Música do 28º Batalhão de Caçadores e regente da Lira Sanjoanense, e o último organista da Ordem do Carmo. Sua obra ainda é constantemente executada pela corporação em que foi diretor e por bandas de músicas para o que escreveu grande número de composições.

A música continuará pelo século XX afora, a ser expressão artística maior dos sanjoanenses e, por isso, merece que se escreva com cuidado e detalhes sua história.

Muito ainda há de se pesquisar, para que se esclareçam pontos obscuros da história da arte musical em São João del-Rei, pois um dos títulos que mais se orgulha o sanjoanense e o de ser nossa cidade desde meados do século XIX cognominada “Terra da Música”.